



OS ALFABETOS
DE
FLUSSER

JOSÉ PAULO TEIXEIRA

**CIDADE FUTURA
2020**

No que difere a filosofia da sua poesia? Na arte de encontrar-se, de atravessar os tempos e adiantar-se no fazer e no pensar, ensina Maria Zambrano.¹

Fazer filosofia é concorrer com o tempo que é capaz de devorar os próprios filhos. A missão genuína do filósofo é antecipar-se a isso e, nesta sua precipitação, entregar-se.

Esse, o endereçamento, na entrega e dedicação ao ofício de filosofar, de criar e inventar tempo dentro dos tempos e para além deles chamo de Poesia o que o filósofo escuta e responde pelo nome de vocação.

Mais do que o trabalho do pensamento, a poesia é uma forma de antecipação, de comunicação e de adoração. De afirmação da vida e da alegria vencedora tendo como referência as divinações primeiras.²

Antecipar-se ao tempo, antecipar-se aos deuses, antecipar-se à morte, antecipar-se à própria salvação. A poesia é uma forma de afirmar a vida e sobreviver à decadência que precede o fim. É querer interligar e engravidar-se dessa antecipação para, na hora derradeira da escrita, deixar-se conduzir por ela.

Cidade Futura, 05 de março 2020.

BREVIÁRIOS ❖ COMPOESIA 1

¹ "Filosofia é encontrar-se a si mesmo, atravessando o tempo correndo com o pensamento mais que o tempo mesmo, adiantando-se a ele". María Zambrano Filosofia e Poesia, p. 101

² José Paulo T. O doador de chance. Cidade Futura, 2020.

Vive-se melhor quando não se tem razão... alguma. Insistir em ter razão de ter razão da razão é um erro. Afasta as pessoas e espanta os devires. Medito nestes brevês sobre a questão da razão como leio na filosofia de Flusser, uma filosofia da razão que é também a razão da sua ficção. Nelas – na sua filosofia e na sua ficção – encontrei os alfabetos de Flusser nas suas mais expressivas ‘traduções’ ou futurições.

Se, num primeiro alfabeto, Flusser põe acento na razão Da Dúvida; no segundo acentua a ficção Da Certeza. Sabe-se que se tem alguma razão em quase tudo, mas, na maior parte das vezes, não sabemos como comunicá-la. Dela extraímos apenas faíscas, grânulos de pólen, gotículas de orvalho, fuligem de material tóxico, fragmentos de verdade.

Sim, é melhor não ter razão. Prefiro a ficção da sua verdadeira mentira. Eis o Segundo Alfabeto de Flusser: essa consciência ficcional da razão, tal como as expressei nas *Orteguianas*, *lições* ou *Meditações do Quixote* e *Sobre a técnica*. Ambas nos conduzem à liberdade do pensamento vital da pós-história. Ao menos a liberdade na sua genuína expressão de liberdade, diferente da liberdade da liberdade de expressão e a certeza dos riscos da escravidão das ideias prontas e acabadas.

Pois a liberdade não coincide com a razão. Nem com ter opinião de tudo, para tudo, a qualquer hora ou lugar. Ter opinião não basta. Ela limita ou constringe as chances da liberdade. Por isso não me canso de repetir: ter opinião não basta! Assim como a maior parte das vezes ter razão é um desperdício de energia vital. Seus efeitos são imediatos: aumenta a tensão, rebaixa a potência de vida e entrava o convívio com as pessoas.

Ainda assim, somos uma civilização hiperprodutora de razões e os seus maiores acumuladores; distribuímos razões para todos os lados, pra esquerda, pra direita, pra cima, pra baixo. Talvez isso explique a razão de nossa decadência, de nossa hostilidade, de nossa bestialidade, de nossa insignificância. Excesso de razão e ascensão da insignificância caminham lado a lado. O alto preço que pagamos a cada vez que acreditamos estarmos cobertos de razão.

BREVIÁRIOS ❖ COMPOESIA 2

Inovadores em filosofia: poetas do pensamento

Flusser, tal como eu o leio, comunica uma outra filosofia e está entre os pensadores geniais mais citados por Sloterdijk.³ Flusser é também muito citado por sua filosofia da fotografia, do design, da comunicação e da revolução digital e computacional.

Mas, no fundo de tudo isso, está quem foi desde sempre o grande filósofo da inovação: além de genial auto-tradutor de si mesmo, é um legítimo criador de alfabetos.

Toda a sua 'Comunicologia'⁴ – bem vistas as letras desde Língua e Realidade, sua obra-prima⁵-, tornou-o poeta de um novo alfabeto do pensamento. Sua obra ficcional estranha ou apavora seus leitores, a começar pela inusitada “História do diabo”, por seu “Natural : mente”, o esquisito “Vampyroteuthis Infernalis” que escreveu com Louis Tec, suas aulas e conferências, tudo que fez dele um pensador ímpar, filósofo fenomenológico da língua que faz o tempo todo ficção da filosofia.

As suas “Ficções Filosóficas” e seu “Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar”, atestam a genialidade de nosso estrangeiro mais brasileiro. Assim o leio em seu idioma peculiar para tentar acompanhar ou falar a língua dos alfabetos que Flusser inventou ao juntar numa mesma sequência imagética e matemática a sua ficção e a razão comunicacional - sem perder a pose ou disfarçar a posição que ocupa em nosso inexistente cânone filosófico – como já o fizera na relação entre arte e ciência.

De certa forma ou à sua maneira, Flusser retoma, entre outros, a empresa filosófica iniciada com Deleuze e Foucault; mas em Flusser tal empreitada é levada ao limite. Deleuze traçou – bem o disse Foucault – os caminhos da primeira grande estrada da filosofia neste século XXI, “esse século que ainda será deleuziano”, como prediz Foucault, porta de entrada de uma ética filosófica no circuito aberrante do devir humano. Mas Flusser viu tudo isso e foi além. Saiu da história para escrever e inscrever o seu alfabeto no cume da Pós-história.

BREVIÁRIOS ❖ COMPOESIA 3

Imagens são abismos voadores.

³ Referência que o autor faz do seu texto “A antropotécnica da superação em Peter Sloterdijk”, publicado em “Breviários da Composia”: www.josepauloteixeira.com.br/breviarios

⁴ Vilém Flusser. Comunicologia. Martins Fontes, 2014.

⁵ Publicada pela editora Herder, em 1963, e pela AnnaBlume, 2012.

Sigo agora a pensar comigo como funcionaria um pensamento original e de exponencial vocação. E imagino como os alfabetos são criados, quando e por quem eles são escritos ou produzidos – inventados, é a palavra – ao ganhar novas imagens esculpidas nas paredes do pensamento que formam essas novas transfigurações e suportes de imagens que tatuam os cérebros do mundo inteiro e de todas as épocas, tempos e eras. A nossa cosmologia não poderia ser diferente.

No entanto, como as formas do mundo, das gentes e das coisas, as imagens são abismos voadores, e as formas imagens desses abismos. São as transcendências que temos do mundo e as imanências que temos de nós mesmos. As formas nascem dessas imagens e imaginários que informamos – uma categoria axial e genuína de Flusser – no que temos ou fazemos do mundo e de nós mesmos. Lidamos com as formas o tempo todo, estando em casa ou no meio do mundo.

As formas que nascem dessas imagens são de dois tipos: as imagens técnicas e as imagens poéticas. As imagens técnicas têm sua origem na língua dos alfabetos. As imagens poéticas têm origem na linguagem das cifras. Tento ler os alfabetos de Flusser desdobrando essas imagens num campo que nos aproxima e separa delas, da sua inteligibilidade e da sua artificialidade. Por elas formam-se e formamos as imagens do mundo perante o humano, ao mesmo tempo em que de/formamos as imagens dos humanos diante do mundo: umas, são as imagens da transcendência; outras, da imanência, dizia.

A psique humana é a grande nave que se move nesses meios - de dentro e de fora - ou se alimenta dessas formas e dessas informações, formações e deformações. Bachelard é lapidário ao dizer, em seus estudos da imaginação - essa "faculdade de *deformar* as imagens fornecidas pela percepção"⁶- nem a que formamos em nosso cérebro acreditando que sejam "nossas".⁷

O intelecto humano – “onde os pensamentos ocorrem”, diz Flusser – corresponde a essa usina de sentidos que dão sentido às coisas, sejam as do chamado ‘mundo material’, sejam ditas "imateriais".

8

No livro "O Mundo codificado", lemos um texto importante que talvez possa evitar esse tipo de reduções ‘revolucionárias’ dos que de “tudo sabem sobre internet das coisas” sem perceber que a produção das coisas não é algo separável das inteligências vitais nelas investidas e que as informam

⁶ Gaston Bachelard. O ar e os sonhos. Martins Fontes, 2001, p.1.

⁷ Quando escuto um grande palestrante - do tipo midiático - encher a voz sobre, por exemplo, a "internet das coisas", sinto uma grande dó do mundo. E o quanto sabemos tão pouco daquilo que fazemos e dissemos nestes assuntos relacionados ao impensável e ao incomensurável com uma certa superioridade de quem faz coro ser sujeito da tal “revolução digital”.

⁸ Vilém Flusser. O mundo codificado. Por uma filosofia do design e da comunicação. Ubu editora, 2017.

desde o primeiro traço da sua criação, produção e desenvolvimento até a sua destinação, endereçamento e distribuição. Não haveria internet das coisas sem a logística imaginária-imaterial que as formam e as deformam.

Juntos, intelecto e inteligência, sentidos e afetos, preenchem o chão e o céu de nossa psique tanto quanto os ‘campos de base’ das formas do mundo - que se reúnem em concílios que fazem traços ou traçados das formas humanas – e é isso que importa guardar de mais genuíno num pedaço de coisa injetada de um código computacional. Mas isso às vezes escapa à mente e castra as mentalidades desses profetas sem fé nem esperança na vida e na humanidade.

As formas moldam e condicionam os pensamentos e os afetos. É de onde surgem os planos de voo – os planos de navegação, planos de vidas e destinos, os planos das chegadas e das partidas, de idas e voltas.

As formas resgatam, antes da história, as idades do pensamento que se alimentam apenas de afetos. Afetos e pensamentos são o nosso fundo e chão. O fundo e o chão da história que é a história de como cada um dos humanos – do mais miserável ao mais cultuado – e todo feito de formas. A própria simplicidade /complexidade da vida na imaginação/artificialidade da tecnologia – essa madrasta das formas e das formações – ali onde a vida e o humano são o que contam.⁹ O pensamento filosófico desenha e se desenha por dentro e pelas dobras dessas formas. O fundo da história é feito do efeito das informações investidas. São formas e imagens produzidas, armazenadas, distribuídas. Toda a *Comunicologia* de Flusser retoma o repertório das formas e das (novas) formações, transformações e destinações.

O chão da história é o efeito das informações. São as formações e deformações das imagens da história. O chão do mundo onde pisamos, por um lado, e o fundo do mundo que imaginamos, por outro, dão origem as línguas e as cifras. Se a língua alfanumérica tenta tocar o chão do mundo e nos aproximar da realidade e de nós mesmos; a cifra computacional – sob a regência dos grandes bancos de dados – prima por codificar o seu fundo ao separar a realidade de nós mesmos.

⁹ Para brincar com a palavra contar, contar histórias e contar objetos ou números. A imbricação que faço entre imaginação e matemática, e que está na base da ficção filosófica dos alfabetos de Flusser.

Somente um outro alfabeto – que aqui denomino “o novo alfabeto do pensamento¹⁰ – poderá nos salvar das formas que fazem de nosso cérebro e nossa inteligência meros anexos da loucura dos gênios da computação anti-humana, esta mesma que acelera o tempo rumo à tragédia anunciada pelos impérios totalitários das redes digitais e comunicacionais. (...)”¹¹

BREVIÁRIOS ❖ COMPOESIA 4

O golpe da página 64

No livro “Comunicologia” de Flusser, deparei-me com as seguintes palavras: "O valor da informação cresce junto de sua tendência a ser mais improvável: quanto mais fictícia, tanto mais informativa. Portanto, uma diferença de grau entre ficção e conhecimento ou aquilo que antigamente, digamos assim, chamava-se de *realidade*. Consequentemente, a ciência é um tipo de ficção. E a ficção transmite saber”.

De outra lado, passei a compartilhar com ele a ideia de que "a separação entre ciência e arte está sendo superada pela informática” e "que "temos de nos despedir daquela separação ingênua entre verdadeiro e falso, como já disse Wittgenstein. A reprovação do fictício não pode ser sustentado por muito tempo. Observando mais exatamente, a função do discurso é a ficção, ou, como se diz hoje, "realidades alternativas. A palavra ficção vem do latim *fingere*, assim como a palavra figura. Consequentemente, todos os meus esboços são ficções, porque são figuras".¹²

Foi um golpe. Muito parecido talvez com aquele que o Flusser havia sentido quando leu, em Heidegger, a sua definição de ser, de que "ser" não era substância, mas verbo.¹³ Ficção transmite saber. Aquilo era o exato oposto do que tinha aprendido e tomado como verdadeiro em meus cursos de ciências sociais. Mais ainda: “que a ciência é um tipo de ficção” e será superada pela informática.

Mas para mim, para este meu espírito um tanto cético outro tanto poético, tomei distância e prossegui a leitura. Daquele golpe me recuperaria mais tarde, em uma outra recitação do mesmo Flusser.¹⁴ Antecedida por uma chamada bombástica, bem no estilo "uber Flusser" de ser.

¹⁰ José Gil. O alfabeto do pensamento, em “O imperceptível Devir da Imanência. Sobre a filosofia de Deleuze. Relógio D’Água, 2008, p. 25-43.

¹¹ Segue o texto a ser publicado nos Breviários da Composia.

¹² Vilém Flusser, *Comunicologia. Reflexões sobre o futuro*. São Paulo. Martins Fontes, 2014., p. 64.

¹³ Está lá o golpe sentido por Flusser, na pág. 85 do “Comunicologia”.

¹⁴ Confira, caro leitor, lá na página 146 do seu texto.

Depois de anos e décadas de esforço em favor do alfabeto, de lidar bem com ele, com a sua gramática e a sua poética; depois de tantos anos de lutar em favor da alfabetização; e de ouvir dizer que o alfabeto, junto com a escrita, é o alicerce e criador da democracia, etc., etc., eu li de Flusser:

"Enterrei o alfabeto. Despedi-me do alfabeto e, com isso, despedi-me de mim mesmo, pois fiz preceder o mote de um de meus livros: "*Scriberi necesse est, vivere not est*"; "escrever é preciso, viver não é preciso".¹⁵Do que me despedi? O alfabeto é um código que torna língua visíveis. As línguas são os produtos mais grandiosos do espírito humano. Cada língua é o produto de inúmeras gerações que transmitiram esse tesouro contrariando o segundo princípio da termodinâmica e contrariando a lei de Mendel, que diz que informações adquiridas não podem ser transmitidas. Cada língua é, assim, um tesouro, que cada geração continua a burilar, de forma que se torna cada vez mais fina e elegante. Cada língua é magnífica como, como estrutura, como ritmo, como melodia, como infinidade de conotações. Quando leio e escrevo, sou responsável por esse tesouro. Cada vez que me sento à máquina de escrever tenho essa língua colossal diante de mim e em mim, e sou convidado a trabalhar nela, a torná-la visível, mas submetendo-a à minha própria intenção. Nesse sentido, esse envolvimento com a língua e, portanto, com a história e, portanto, com o espírito, *perecerá tão logo eliminemos as porcarias dos impressos.*"¹⁶

Acrescentei os grifos à última expressão de Flusser pensando nas "porcarias" que dominam o mundo inteiro. E que talvez esse lixo poderá crescer, tomar conta das cidades, das escolas, das bibliotecas e dominará a internet e as redes sociais no mundo todo. Mas o essencial de Flusser estava ali, naquelas suas palavras que fazem dele um poeta da futuridade, um criador de alfabetos.

Ao dizer que quando lê e escreve "sente-se responsável por esse tesouro" que, de geração em geração, é burilado, afinado, e que é parte não apenas da história, mas do espírito humano. Criar alfabetos é enriquecer, enobrecer, engrandecer e rejuvenescer o espírito humano e a cultura de um país.

BREVIÁRIOS ❖ COMPOESIA 5

A questão brasileira, o problema Brasil,

¹⁵ A frase de Pluturgo, citada pelo navegador Dom Henrique de Coimbra, a mesma que foi recitada pelo poeta Fernando Pessoa na sua célebre "Navegar é preciso, viver não é preciso", é aqui retomada por Flusser ao associar navegar/viver ao exercício de escrever.

¹⁶ *Ibidem*, p. 146.

Considero esta questão uma prioridade brasileira: como tratar a gravíssima situação alfabética em nosso país. Não é de falar e escrever corretamente, de gramática ou letramento, apenas; é algo mais profundo, de ordem vital; ou seja, um problema de comunicação. É dele que todos os demais temas e problemas decorrem, seja na ordem das prioridades, seja na pobreza das respostas. Pois tão logo se iniciam as tentativas de entendimento, rapidamente as conversas se afundam nas correntes dos mal-entendidos e ruídos. Essa é a nossa democracia, que não é 'liberal' nem 'neoliberal', ela é "*deliberal*". Discutimos muito, compreendemos pouco, fazemos apenas por obrigação.

É muito discurso e quase pouco diálogo. Não a conversa séria e responsável, mas a conversa fiada; quase nada de conversação responsável e respeitosa entre as partes interessadas, seja entre cidadãos ou entre autoridades. Quem escuta quem? Quem respeita quem?

Quem está aberto a ouvir, se comunicar e em buscar soluções. Por outro lado, as críticas brotam e se multiplicam como as saúvas, ervas daninhas, e o último vírus de plantão; como criar ou possibilitar soluções? como dar respostas claras e efetivas às questões que importam as pessoas e ao país? Estudar Flusser é estudar a questão alfabética que inferniza o Brasil desde de seu "descobrimento". Será ficção a sua descoberta?

Pois o Brasil ainda não teria sido 'verdadeiramente' descoberto como nação e como república. Lendo Flusser, vemos que a questão da língua e da realidade, do alfabeto e da comunicação está entre as prioridades do país, e, por tabela, dos países de língua portuguesa e das línguas flexionais, de todos os que não somos capazes de tomar distância entre a língua e a realidade, entre história e pós-história, entre atualidade e virtualidade, entre as questões de discurso e as questões de vidas de nosso projeto de gente e de país Também aqui se inclui a questão das mídias e dos meios, sobretudo, das mídias eletrônicas, dos tele-canais e das redes sociais, esses agentes tóxicos transmissores, receptores, processadores e distribuidores de quase todas as nossas notícias. Sobretudo nos dias atuais, somos agentes transmissores de má-notícias no mundo, das confusões e rebaixamento do país na cena do mundo - essa a dimensão do gravíssimo problema alfabético e da comunicação que nunca esse país levou a sério.

A questão "Brasil" é pensada junto aos Alfabetos de Flusser, a exemplo que faço com as Orteguianas.¹⁷

¹⁷ Tema de nosso próximo encontro.

Este o pensador da “fenomenologia do brasileiro” que tanto imaginou, escreveu e projetou nosso país como "uma terra abençoada e diferenciada", uma sorte e um norte de um promissor futuro, uma promessa extraordinária de liberdade e de geração do "homem novo"; pois daqui poderia-se nascer uma nova perspectiva para a comunicação humana e serviria de modelo de desenvolvimento desse homem novo. Já não é possível compreender o Brasil sem os alfabetos de Flusser, sem a língua dos novos códigos de informação e comunicologia, quero dizer por este meu texto-mensagem: não é possível entender o Brasil sem pensar filosoficamente a ficção do pensamento brasileiro, do homem brasileiro, da realidade brasileira.

E que o problema não está no povo, nas pessoas mais simples e pobres, nos chamados analfabetos.; está nos alfabetizados, principalmente entre os mais letrados e abastados, a chamada "elite" da elite sobre a qual se fala tanto referindo-se a elas como "os outros" e não a si ou a nós mesmos; alcançamos níveis altíssimos de analfabetismo real, essa moeda típica brasileira que inflaciona nossos entendimentos mínimos.

Mal sabemos lidar ou pensar em com sinceridade e pensamentos claros, com a língua dos afetos afirmativos e dos entendimentos da vida e da realidade brasileira na sua riqueza. Nossos corpos estão aqui, pisando nesta terra, mas nossa cabeça está sempre em outro lugar. Flusser já tinha percebido isso, como bem o recitou Gustavo Bernardo:

"O brasileiro não é o “*indígena*”, mas antes, o europeu decadente. Os brasileiros “não tomaram posse nem de sua terra nem de si mesmos, mas flutuam, tomados de um atordoamento secular chamado saudade, nas suas imensas planícies, quais destroços nas ondas”.¹⁸

Como tantos outros brasileiros, esse extraordinário filósofo e grande desconhecido pelas gentes do Brasil, desconhecido e estigmatizado dentro das universidades, deve ser aqui recitado em sua fenomenologia dos brasileiros. É sobre esse tcheco naturalizado, que viveu entre nós por mais de três décadas, e autor de uma das mais ricas e respeitáveis obras filosóficas lidas e traduzidas no mundo todo, que integramos aos filósofos inovadores da cidade futura.

Para Concluir

¹⁸ O Brasil a procura do homem novo: por uma fenomenologia do subdesenvolvimento, do livro “Fenomenologia do brasileiro. Em busca de um Novo Homem. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1998, p. 22.

Flusser diz que a separação da arte da ciência da política é uma separação arbitrária, uma escolha, brota da árvore de decisão de quem a faz. Ao dar o exemplo da fotografia "das duas pegadas do homem na lua",¹⁹ Flusser pergunta e eu respondo com ele: será arte esta fotografia? Será política? Ou ciência? - Depende dos usos e, sobretudo, dos endereçamentos que damos a ela. Nas minhas palavras, recito as de Flusser:

na parede de um museu é arte; no gabinete do presidente dos Estados Unidos, é política; examinada no laboratório, a mesma fotografia, é ciência. é a mesma fotografia, mas ela não é o que ela é. Ela é o que fazemos dela - ela é uma árvore de decisão, diria na língua de Flusser.

Sim, as pessoas fazem ciência, as pessoas fazem arte, e as pessoas fazem política. É isso que se faz nos dias de hoje ? Não! O que se faz é cortar a árvore da decisão, é separar aqueles que podem do seu poder-fazer; ou seja, é transferir a decisão para os 'especialistas', para os epistemológicos, para os políticos, os críticos de arte. Corta-se a cabeça da arte, a cabeça da ciência, a cabeça da política. Corta-se a cabeça daqueles que, em tese, são ou deveriam ser, os agentes-destinatários e criadores-autores da obra de arte, da ciência, da política. Como disse neste nosso encontro "Comunicologia também se faz com poesia". Sim, "a razão demanda a poesia" e que "escrever é escrever um poema; e ler, por sua vez, é ler um romance."²⁰

O ato de ler-e-escrever, assim, junto como o escrevo e leio ('lerescrever') é um ensaio ou desenho de uma filosofia, a arte da compoesia - integrada num programa: arte-filosofia; vocação-compoesia - que se acomete na dupla face, na interface ou dimensão da escrita e da leitura, a mesma que junta e separa a "razão que demanda poesia", da amizade ou amor que exige sabedoria, da ficção ou imaginário que sonda a realidade.

A realidade pode ser um objeto, um poema, um bem, um serviço ou valor ou mesmo uma ideia ou sonho que se tem e se deseja realizar. A expressão "sondar os versos" - o verbo e a verba - é um exemplo de filosofia ensaística no imaginário filosófico que crio e pratico nesses Breviários. Filosofia: Compoesia.

Ensaio de viver "só de ler-e-escrever, desenhar e imaginar, fazer e pensar, aprender a ler e decifrar, a escrever e cifrar. Aqui deixo esta pista nos Alfabetos de Flusser: uma festa do pensamento, na

¹⁹ Comunicologia, p. 175.

²⁰ J-L Nancy. Demanda, p. 168.

criação e na escuta, na produção e na composição de um novo alfabeto do pensamento. Será Flusser nosso convidado? Serão os inovadores, os filósofos e poetas deste novo Alfabeto? Vamos participar com eles da festa do pensamento?



Jose Paulo Teixeira, escritor e professor.

É criador da Cidade Futura - inovação em filosofia, educação e pesquisa - e coordenador do programa "Filósofos Inovadores".

Realiza estudos filosóficos e educacionais sobre Nietzsche e pensadores contemporâneos como Vilém Flusser, Peter Sloterdijk, Ortega y Gasset, Maria Zambrano, Bachelard e Jean-Luc Nancy. Escreve e organiza as Orteguianas e os Alfabetos de Glusser entre outros Breviários da Composição.

Escreveu e publicou: "Uma utopia de leitura" e "Escritos da espera - fragmentos do futuro, pensamentos do acaso", entre outros.